"A REVOLUÇÃO VITORIOSA E A DERROTA DAS FORÇAS COMUNISTAS": D. VICENTE SCHERER E O ANTICOMUNISMO NA GRANDE IMPRENSA DE PORTO ALEGRE PÓS-GOLPE DE 1964

THE VICTORIOUS REVOLUTION AND THE DEFEAT OF THE COMMUNIST FORCES: D. VICENTE SCHERER AND ANTICOMMUNISM IN THE PRESS OF PORTO ALEGRE AFTER BRAZIL'S 1964 COUP

IANKO BETT(*)

RESUMO
O objetivo principal do artigo é analisar, a partir da noção de *representações*, o modo como as Alocuções Semanais do Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, D. Vicente Scherer, importante representante do clero católico nacional à época, se reportaram sobre o Golpe de 1964 e em quais termos propuseram um conjunto de manifestações anticomunistas no período imediatamente (início de abril até fins de maio) após a ruptura institucional e consequente destituição de João Goulart da Presidência. A partir do mês de maio de 1964 até dezembro de 1965 é possível constatar que os textos do Arcebispo acabaram por apresentar algumas significativas transformações na forma como o anticomunismo passou a ser difundido quando comparados com aqueles que os antecederam. Nesse sentido, o artigo também pretende identificar como se deu, a partir das alocuções do Arcebispo, a construção de uma paulatina desvinculação do "perigo comunista" com a realidade nacional, além de buscar elementos explicativos acerca da quase completa ausência de textos anticomunistas assinados por católicos, inclusive pelo próprio D. Vicente Scherer, após o golpe de 1964. Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizadas fontes jornalísticas, especificamente os principais jornais de Porto Alegre à época, Diário de Notícia e Correio do Povo.
PALAVRAS-CHAVE: D. Vicente Scherer. Anticomunismo. Golpe 1964. Imprensa.

ABSTRACT
The main objective is to analyze, from the notion of representation, how the Weekly Speeches of Archbishop of Porto Alegre, D. Vicente Scherer, important representative of the national Catholic clergy at the time, were reported about the Coup of 1964 and on what terms proposed a set of anticommunist demonstrations in the immediate period (early April to late May) after institutional breakdown and consequent dismissal of João Goulart presidency. From May of 1964 to December of 1965 it is clear that the texts of the Archbishop presented some significant changes in how the anticommunism became widespread when compared with those who preceded them. In this sense, the article also seeks to identify how it came from the speeches of Archbishop of, building a gradual disengagement of the " communist threat " to national reality , and seek explanatory material about the almost complete absence of anti texts signed by Catholics , including the Don Vicente Scherer himself after the 1964 coup . To develop of this research, journalistic sources , specifically the major newspapers in Porto Alegre at the time, Diario de Notícias and Correio do Povo were used .
KEYWORDS: *D. Vicente Scherer. Anticommunism. 1964 coup. Press.*

(*)Doutorando do Programa de Pós-graduação em História pela PUC RS, Porto Alegre, RS, sob orientação do Prof. Dr Helder Gordim da Silveira. Bolsista da Capes. Tem experiência na área de História Contemporânea da América Latina com ênfase em estudos sobre o anticomunismo católico e golpes militares da década de 1960 no Brasil e Argentina. **E-mail: damiensmustaine@hotmail.com**

1 INTRODUÇÃO

O período compreendido pela posse do Presidente João Goulart (setembro de 1961) até a sua destituição, através do golpe de 31 de março de 1964, foi caracterizado pela polaridade política que se fez presente em diversos setores e instituições, destacando, dentre essas, a Igreja Católica. Nesse contexto, os grupos considerados conservadores, com grande participação de membros do catolicismo nacional, se organizaram e se mobilizaram sob a ótica anticomunista, buscando, com isso, combater e denunciar a tão temida "infiltração comunista" nos mais diversos setores da sociedade. Essa foi a tônica que demarcou o período do governo de João Goulart, o qual é considerado por Rodrigo Motta (2002) como o "segundo grande surto anticomunista"[1] no cenário social e político brasileiro.

As pesquisas[2] que se debruçaram sobre o anticomunismo católico[3] no período pré-golpe de 1964, demonstram que, de maneira geral, os representantes do catolicismo intensificaram a disposição anticomunista à medida que os embates políticos e sociais se agravavam no país. Na grande imprensa[4] de Porto Alegre também é possível verificar que os discursos anticomunistas de autoria de católicos foram intensificados concomitantemente com a agitação do cenário político, especialmente após o fim da política

1 O autor considera o período entre 1935 a 1937, contexto que marcou o episódio da Intentona Comunista, como a "primeira grande onda anticomunista" a eclodir no Brasil. Portanto, as distinções entre as grandezas se estabelecem por suas periodicidades, não levando necessariamente em conta a intensidade das manifestações anticomunistas.

2 MOTTA (2002), RODEGHERO (2003), BETT (2010).

3 O conceito de anticomunismo abordado pela historiografia (MOTTA, 2002 e RODEGHERO, 2003) foi ancorado predominantemente na perspectiva de BONET (2000) que colocou a possibilidade de visualizá-lo enquanto um conjunto de ideias, de representações e de práticas de oposição sistemática ao comunismo. Neste trabalho, estão sendo incorporados a essa definição os aportes teóricos das perspectivas de BACZKO (1985) referente ao imaginário e FOUCAULT (1971 e 1972) no tocante aos discursos, buscando visualizá-lo -anticomunismo- nas constantes redefinições, fabricações e reinvenções. Entende-se, neste sentido, que o comunismo foi inventado e reinventado pelos discursos dos católicos (aqui, especificamente, concentrado nas manifestações de D. Vicente Scherer na imprensa) que percebiam (ou acreditavam perceber), no contexto político e social da década de 1960, a sua "periculosidade" e necessitavam mobilizar a sociedade para enfrentar a sua "infiltração" e "propagação".

4 Conforme sinalizou DE LUCA (2008), a expressão "grande imprensa" é costumeiramente utilizada de forma vaga e imprecisa. Entretanto, nesta pesquisa, utilizou-se para, conforme as ideais da autora, designar o conjunto de periódicos que, na década de 1960, em Porto Alegre, compunham a parcela mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelho técnico, organizacional e financeiro. Desta forma, a escolha dos jornais pesquisados, Diário de Notícias e Correio do Povo, não foi aleatória. São jornais que se demonstraram em importantes instrumentos com significativo potencial para circulação de ideias e de representações que reforçavam valores sociais, contribuindo, frequentemente, para produção de realidades objetivas. Por outro lado, são periódicos que permitem identificar a forma como foram representadas as mais diversas questões políticas, sociais e culturais do período estudado, principalmente acerca do anticomunismo católico.

equilibrista de João Goulart, pendendo às esquerdas, a partir de janeiro de 1964[5]. As páginas dos principais jornais de Porto Alegre à época - Diário de Notícias (adiante DN)[6] e Correio do Povo (adiante CP)[7] - privilegiaram uma intensa campanha anticomunista através de notícias, comentários, artigos e matérias, com grande participação de membros da hierarquia católica e leigos, com destaque para o Arcebispo Metropolitano D. Vicente Scherer.[8]

D. Vicente Scherer, entre 1914 a 1924, cursou o Seminário dos Jesuítas na cidade de São Leopoldo, RS. Complementando sua formação teológica, estudou na Universidade Gregoriana, em Roma. Nesse contexto, acabou sofrendo profunda influência ultramontana, tendo, inclusive, prestado o juramento "anti-modernista", elaborado por Pio X. Ao final de sua formação foi designado como secretário de D. João Becker, então Arcebispo de Porto Alegre, até 1946 quando foi nomeado Bispo Auxiliar, assumindo o arcebispado no ano seguinte (KASPER , 2012). Conduziu essa função por 34 anos (1947 a 1981), tendo passado por vários e conturbados momentos políticos e institucionais, sendo um

5 Na virada do ano de 1963 para 1964, João Goulart finalmente acenou para o abandono da sua política equilibrista, buscando uma reaproximação com os grupos de esquerda, os quais haviam se distanciado desde o episódio do Estado de Sítio. Nesse sentido, entre outras ações, reafirmou seu comprometimento com as Reformas de Base e apoiou a chapa comunista na disputa pelo comando da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria (CNTI). O país foi tomado por posturas radicais que se faziam repercutir em diversos setores, podendo ser destacadas as ofensivas parlamentares que emergiam sob a ótica anticomunista, desta vez colocando o governo como um dos principais expoentes e responsáveis pela infiltração comunista no país. (MOTTA, 2002)

6 Lançado em 1925 no Rio Grande do Sul, o Diário de Notícias pertencia ao grupo dos Diários Associados, empresa jornalística de Assis Chateaubriand. Na década de sessenta, era o segundo jornal mais lido entre os matutinos do Estado. Seguia a linha editorial dos Diários Associados, a qual desde os anos 1930 se mostrou antigetulista e, no contexto da década de 1960, profundamente antipetebista e anticomunista, inclusive, nas palavras do próprio Chateaubriand, as quais eram publicadas quase que diariamente em formato de artigo. Cessou definitivamente as atividades em 1979.

7 Fundado por Caldas Junior em 1895, o Correio do Povo, desde a sua fundação, se caracterizou como uma imprensa não posicionada politicamente. Na década de 1960, período em que seu mote publicitário também era a imparcialidade, este matutino se configurava entre um dos principais jornais editados no Rio Grande do Sul e, o primeiro em vendas e circulação. Entretanto, em que pese sua característica de imparcialidade, no período investigado o CP cedeu majoritariamente seus espaços para os grupos conservadores, principalmente da Igreja Católica. Nos dias atuais, pertence ao grupo Record de comunicações.

8 Na pesquisa realizada no Mestrado foi possível identificar um elevado número de manifestações anticomunistas de matriz católica, as quais tiveram as mais distintas autorias. Pode-se dizer que essas manifestações respeitaram um padrão limitado de "meios" e "modos" com que foram colocadas na imprensa, podendo destacar o espaço destinado à "Alocução Semanal" do Arcebispo de Porto Alegre e a colunistas católicos, reportagens que davam a informar sobre posicionamentos e manifestações de religiosos de outras partes do Brasil, reportagens e comentários que eram transcritos a partir do órgão oficial de imprensa do Vaticano, denominado O'sservatore Romano, notícias de cunho religioso da própria cidade e provindas de agências nacionais e internacionais, especialmente, neste caso, notícias advindas da cúpula católica no Vaticano e, por fim, reportagens que transcreviam algumas mensagens do Pontífice e de outros religiosos pronunciadas através da Rádio do Vaticano. (BETT, 2010)

protagonista com uma voz bastante ativa[9]. O elevado número de anos em que permaneceu à frente dos assuntos religiosos da região metropolitana de Porto Alegre, também pode ter um peso muito grande quando se questiona o tamanho da sua influência não só religiosa, mas especialmente política, no seio da sociedade do seu tempo.

A partir de junho de 1961, D. Vicente Scherer passou a transmitir, no programa radiofônico denominado "A Voz do Pastor", as "Alocuções Semanais". Transmitidas todas as segundas-feiras, essas alocuções, no dia seguinte, eram publicadas na íntegra nos dois maiores jornais de Porto Alegre à época. Impressas geralmente na página quatro do DN, página destinada aos colunistas, e nas páginas dos noticiários no CP, em todas as terças-feiras, as alocuções do Arcebispo podem ser consideradas como o principal espaço para a difusão, manifestação e defesa de ideias anticomunistas na grande imprensa porto-alegrense.

As alocuções tratavam sobre os mais diversos assuntos, tanto religiosos, políticos e sociais, os quais eram focalizados nas mais diversas escalas, municipal, estadual, nacional e até mundial. Independente da temática, os textos eram muito bem escritos e editados, com um relativo grau de complexidade, sem contar que, geralmente, eram bastante extensos, ocupando quase meia página do jornal. Dentre os diversos assuntos que fizeram morada em suas alocuções, os temas da ordem da política foram os mais numerosos, especialmente os que versaram sobre o comunismo.

No período compreendido entre janeiro a abril de 1964, é possível observar que os jornais de Porto Alegre publicaram uma série de discursos que buscavam imprimir posicionamentos acerca da realidade política do Brasil, identificando a

9 Além do episódio que culminou no Golpe de 1964, outro exemplo do seu protagonismo pode ser verificado a partir da sua ampla participação no episódio da Legalidade, a partir de setembro de 1961. Após terem acalmadas as turbulências políticas iniciais que giraram em torno do episódio, no dia 5 de setembro de 1961, D. Vicente Scherer manifestou sua opinião acerca do evento com a alocução intitulada "A Igreja será a primeira a pregar o congraçamento". Dentre algumas partes de seu texto, é pertinente o destaque da passagem final, especialmente pelo confronto que estaria por vir pouco mais de um mês da publicação destas palavras: "Congratulo-me com o povo do nosso Estado na pessoa do eminente Governador Dr. Leonel Brizola, pelo espetáculo magnífico de amor à soberania da lei à disciplina e à ordem com que nestes dias ficaram gloriosamente confirmadas as tradições seculares de dignidade e de civismo do Rio Grande do Sul. Viva o Brasil! (SCHERER, 1961. p. 4)". Já no dia 7 de outubro de 1961, por seu turno, os jornais porto-alegrenses deram a conhecer o início de um amplo debate que girou em torno de denúncias do prelado, as quais colocaram a público "o apoio que homens do Govêrno do Estado estariam dando a elementos comunistas" (SHERER, 1961, p. 2). Tratou-se da transcrição de uma entrevista que D. Vicente Scherer realizou por ocasião da sua volta das atividades conciliares em Roma, a qual foi repercutida por vários dias na imprensa, até mesmo passando a ser foco de inúmeros debates na Assembleia Legislativa do estado do RS. A partir daí, até meados de 1964, esse modelo de posicionamento político será a tônica do prelado. Ver BETT, 2011.

responsabilidade das mazelas e agitações no governo do Presidente João Goulart, dando conta de demonstrar que a centralidade dos problemas estava localizada na "infiltração comunista". D. Vicente Scherer, a partir dos discursos das alocuções no período, também pode ser considerado mais uma voz que ecoou as denúncias de infiltração comunista contribuindo para o processo, já em curso, da desestabilização política de Jango.[10]

As primeiras manifestações anticomunistas, de autoria de católicos, difundidas nos jornais porto-alegrenses, após o golpe de 1964, se deram a partir do dia 4 de abril[11]. A partir dessa data, e de forma análoga com o que se observa no período anterior ao golpe, também é possível mapear diversos expoentes do catolicismo nacional que imprimiram suas visões sobre o momento político do país.[12] Em conjunto, estas manifestações católicas veicularam expressões que giraram, basicamente, em torno de alguns principais eixos temáticos, a saber, satisfação pela destituição do Presidente Goulart; esforço em construir o golpe como um movimento democrático, inspirado, evidentemente, nas concepções ocidentais e cristãs; a representação do golpe enquanto um divisor de águas no cenário político nacional e, por fim, a defesa de punições para os supostos culpados ou envolvidos com a "infiltração comunista".

Ao se propor ultrapassar o marco fronteiriço representado pelo 31 de março, o esforço analítico do artigo se concentrará em, no primeiro momento, analisar, a partir da noção de representações[13], o modo como as alocuções de D. Vicente Scherer se reportaram ao evento e em quais termos se deram as

10 Sobre a manifestação anticomunista católica nos jornais de Porto Alegre no período pré-golpe de 1964 ver BETT, 2010.

11 No dia 4 de abril o DN publicou uma extensa matéria contendo o discurso na íntegra de D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo da Guanabara.

12 Dentre um conjunto de atores católicos que manifestavam o anticomunismo nos jornais da capital do Rio Grande do Sul, além do já mencionado D. Vicente Scherer, pode-se destacar o Arcebispo da Guanabara, D. Jaime de Barros Câmara, D. Ivo Sartori, Bispo da cidade de Santa Maria, RS, Gustavo Corção, intelectual católico de expressão nacional, leigos que publicaram textos anticomunistas com assuntos e temas que giraram na órbita católica, além de notícias e matérias jornalísticas que ressaltavam a luta empreendida por católicos naquele momento político.

13 A noção de Representações, neste trabalho, está fundamentada no arcabouço teórico desenvolvido pelo historiador Roger Chartier (1998, 1991) o qual as identifica enquanto classificações, divisões e delimitações que organizam as categorias de percepção do real que são, ou que devem ser, apreendidas pelo mundo social. As representações coletivas indicam a potencialidade de se pensar, conforme apontou Pesavento (2005, p. 39) "enquanto matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real." Nesse enfoque teórico específico, as representações indicam as possibilidades de trazer à tona os embates e as disputas político-ideológicas dos grupos, uma vez que são através das lutas de representações que esses grupos buscam impor as suas concepções de mundo social aos seus "outros". É preciso constar que as representações não são contrárias e nem se opõem ao real, mas elas, conforme Carvalho (2005, p. 151) se constituem através de várias determinações sociais para, em seguida, tornarem-se matrizes de classificação e ordenação do próprio mundo social, do próprio real.

manifestações anticomunistas após a ruptura institucional[14]. De outra parte, a partir de maio de 1964 até dezembro de 1965, é possível constatar que os textos do Arcebispo de Porto Alegre acabaram por apresentar algumas significativas transformações na forma como o anticomunismo passou a ser difundido quando comparados com aqueles que os antecederam. Nesse sentido, a partir dos discursos do prelado, bem como a partir dos embates que esteve envolvido naquele contexto, a segunda parte do artigo pretende analisar, também a partir das representações, como se deu a construção de uma paulatina desvinculação do "perigo comunista" com a realidade nacional, passando a ser considerado exclusivamente problema de outros locais, além de buscar elementos explicativos acerca da quase completa ausência de textos anticomunistas assinados por católicos, inclusive pelo próprio D. Vicente Scherer, na imprensa porto-alegrense.

2 "A REVOLUÇÃO NÃO É UM PASSO ATRÁS, MAS UMA CAMINHADA PARA FRENTE": D. VICENTE SCHERER E O GOLPE DE 1964

O Arcebispo D. Vicente Scherer foi, sem sobra de dúvidas, uma voz ativa a manifestar, através das "Alocuções Semanais", o anticomunismo no contexto pós-golpe de 1964. A primeira alocução após a derrocada de Jango se reportou, entre outras questões, em responsabilizar os possíveis culpados pela agitação política e social daquele contexto. Intitulada "Devem ser chamados à responsabilidade os conspiradores contra o interesse da nação", a alocução foi publicada na página três do DN, página costumeiramente dedicada às notícias, ou seja, intencionalmente a mensagem de D. Vicente, tradicionalmente publicada nas seções de opiniões, deixou de ser apenas uma coluna, para se tornar uma notícia. Esse fator pode ser característico do peso que o seu comentário tinha naquele contexto, como, também, e em decorrência disso, poderia aumentar consideravelmente o número de seus leitores, demonstrando toda a ingerência da editoria do DN na revalorização das palavras do prelado. De outra parte, cabe destacar, desde o dia da publicação dessa primeira alocução (7 de abril) até o dia 19 de maio, portando em pouco mais de 30 dias, o arcebispo transmitiu um total de cinco alocuções com temáticas que foram

14 O artigo é uma versão ampliada e atualizada de parte do 3º Capítulo da Dissertação de Mestrado intitulada "A (re)invenção do comunismo: discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos golpes militares de 1964 e 1966", defendida no PPGH – Unisinos, em 2010.

direcionados ou giraram em torno das questões políticas suscitadas pelo golpe, as quais serão analisadas a seguir[15].

Na alocução do dia 7 de abril, demonstrando-se abertamente favorável à destituição de Goulart, o Arcebispo primeiramente fez considerações sobre o fato de que o "amplo movimento militar" não ter derramado "sangue de irmãos". Além disso, desprendeu um longo elogio ao movimento louvando a Deus pelos "benefícios concedidos, mais uma vez, a êsse povo que se ufana de suas origens e tradições cristãs" (SCHERER, 1964, p. 03).

Manifestou-se, também, no sentido de demonstrar alternativas para o futuro que se abria a partir do novo cenário estabelecido pelos militares. Acreditava ser necessário, por parte dos novos governantes, entre outras questões, apontar e punir os culpados, os quais foram representados como "transgressores da lei, os aproveitadores sem escrúpulos, conspiradores contra os supremos interêsses da nação" (SCHERER, 1964, p. 03). Contudo, acreditava que resolver os problemas da nação não seria uma tarefa das mais fáceis, por isso previa que a implantação de uma nova ordem e disciplina seria dura e prolongada (só não imaginava, talvez, que duraria mais de 20 anos). O seu entendimento desta nova ordem compreendia, como ele mesmo destacou, os seguintes elementos:

> [...] restaurar as finanças, conter a inflação, promover uma reforma agrária às nossas circusntâncias [...] a formação de um sindicalismo industrial e rural atuante, independente de partidos e governos, reintegrar o Ministério da Educação na função promotora da cultura. (SCHERER, 1964, p. 03)

Portanto, a maioria dos setores por ele destacados faziam parte daqueles em que já algum tempo eram promovidas denúncias de infiltração comunista, especialmente em relação à questão da reforma agrária, os sindicatos e o Ministério da Educação.[16] Por outro lado, a alocução permite compreender a forma como o Arcebispo entendeu o golpe, especificamente na sua ação direta contra a prática comunista. Segundo ele, os recentes acontecimentos eram provas de que a quase totalidade da população brasileira tinha verdadeira aversão à "doutrina comunista", um doutrina que pregava um regime que tinha

15 É preciso considerar que no período da crise militar D. Vicente Scherer estava internado no hospital, período que permaneceu por quatro meses conforme indicou uma manchete do CP do dia 7 de junho de 1964. Ou seja, D. Vicente acompanhou e transmitiu as suas alocuções semanais de um quarto de hospital.

16 Sobre os principais setores envolvidos com denúncias de infiltração comunista no período do Governo de Goulart ver em MOTTA, 2002.

por base o materialismo histórico e o ateísmo. Portanto, nesse período, passou a ser constante a difusão da imagem de um povo essencialmente anticomunista e profundamente religioso, corroborando na construção da visão de que o movimento dos militares foi resultado de uma reação espontânea, surgida na e pela população contra o comunismo e os possíveis comunistas.

Na semana seguinte desta primeira manifestação, D. Vicente pretendeu enviar uma palavra a "vencedores e vencidos", conforme publicado no título da sua alocução. Neste sentido, imprimiu, em suas linhas, uma mensagem que, de certa forma, propunha apaziguar os confrontos políticos. Mesmo porque, como ele mesmo definiu, estava se dirigindo aos "aos chefes e soldados da revolução triunfante, como aos por ela abatidos, homens, todos criados à imagem e semelhança de Deus e compreendidos, todos no sacrifício redentor do mesmo Cristo" (SCHERER, 1964b, p. 04). Esta parece ser mais uma característica presente nestas primeiras manifestações de alguns católicos depois do golpe. Quer dizer, a transmissão de uma atmosfera religiosa, católica especialmente, do perdão estendido aos "vencidos", pois estes ainda tinham salvação. Não mais eram os comunistas inescrupulosos e diabólicos de outrora. Esse singular comportamento do prelado gaúcho, pode-se dizer, entrou na contramão da visão, deste mesmo processo, de outros representantes do catolicismo nacional. D. Jaime de Barros Câmara, por exemplo, defendia publicamente medidas punitivas exemplares contra os subversivos. "é necessário que se punam os vendilhões da Pátria", afirmou em uma de suas manifestações publicadas no CP. (CÂMARA, 1964, p.13)[17]. Gustavo Corção, também nesse sentido, em uma "Especial para o Correio do Povo" de 1965 além de defender o processo ditatorial em curso, apresentou uma singular visão sobre os procedimentos de punição aos possíveis culpados pela agitação política:

> De tudo isto eu gostaria que os nossos *democratas* tirassem uma hierarquia de valores mais justa e gravassem bem que uma ditadura, sendo coisa indesejável, pode ser vista como um mal menor. Não é coisa intrinsecamente má, como o totalitarismo. Dou um exemplo: bater na mulher não é bom, como também não é boa a recíproca. Pode, entretanto, acontecer que uns safanões ou uns tapas tenham valor curativo e sejam acidentalmente bons. (CORÇÃO, 1965, p. 4)

Em face dos distintos comportamentos, dos distintos modelos de se reportar sobre a realidade política do país daqueles anos sessenta, cabe chamar atenção para a complexidade que envolvia os católicos naquele contexto,

17 A notícia desse comentário, publicada no DN do dia 19 de abril de 1964, foi intitulada "D. Jaime prega punição com justiça para a preservação da coletividade".

buscando, com isso, evitar possíveis equívocos analíticos que, de forma apressada e superficial, acabam colocando as manifestações individuais e pontuais de católicos como sendo uma visão de toda a instituição.

Percebe-se, neste sentido, que o golpe de 1964 promoveu um sensível deslocamento da forma como os comunistas estavam sendo representados, se comparado com os textos de parte dos católicos publicados no período anterior[18]. Esta inflexão parece ter a ver com o impacto, causado pela destituição de Goulart, nesses setores, ou seja, perceberam que a vitória no processo desencadearia, automaticamente, na salvação da nação contra a ameaça comunista. Não foi sem propósito, portanto, que os primeiros textos de D. Vicente Scherer se reportaram negativamente ao passado, até o momento em que a nação brasileira "acordou para enfrentar com os meios extraordinários [...] a grave crise que em nossa pátria ameaçava a ordem econômica e social e o próprio funcionamento das instituições políticas" (SCHERER, 1964b, p. 04). O golpe de 64, nesse sentido, acabou sendo representado enquanto divisor de águas no cenário político brasileiro. Se antes do golpe os discursos tratavam necessariamente de um presente degradado e de um futuro repleto de incertezas, cabe destacar, com previsões nada otimistas, no contexto imediato do pós-golpe a tônica foi legitimar o presente em função dos perigos que a realidade passada representava.

Nessa alocução, D. Vicente Scherer representou os comunistas de uma maneira bastante diferenciada daquelas que habitualmente fazia antes do golpe militar. Após o golpe eles são "homens apenas, ante o julgamento de Deus [...] sujeitos a erros e pecados". Daí a necessidade que o processo de enquadramento por parte dos "vencidos" respeitasse a dignidade humana. Esse é um aspecto que chama atenção, ou seja, curiosamente os comunistas passaram a ter dignidade, aliás, passaram a ser humanos: "e vigiem os vencedores, a fim de que a dignidade da pessoa humana não seja nunca desrespeitada por violências ou agravos que a degradem, a fim de que a liberdade tanto a do corpo como a de expressão do pensamento não seja tolhida ou limitada" (SCHERER, 1964b, p. 04).

A parte final da alocução corrobora com o fato de que este posicionamento do discurso expressado pelo Arcebispo de Porto Alegre é, no mínimo, passível de ser encarado como contraditório. Ao se referir sobre a quem a "nova estrutura econômica" e social deveria atingir, destacou: "a que

18 Ver BETT, 2010.

todos os brasileiros têm direito, sem discriminação de raça ou de crença, de profissão ou de classe, de condição social ou de convicção política". Ao menos duas hipóteses sobressaem dessa passagem. Pode ser que os comunistas não estariam enquadrados nesses "todos os brasileiros", referidos por D. Vicente, especialmente se não for levado em conta a questão da não discriminação por convicções políticas. Contudo, considerando o eixo narrativo do texto, percebe-se que este posicionamento "pacificador" pode demonstrar o ambiente de tranquilidade que o golpe representou nos setores que o apoiaram. Mesmo que os comunistas continuavam a existir, o entendimento era de que, aos poucos, seriam cooptados pelo caminho vencedor (cristão e ocidental) da "revolução".

Por seu turno, no dia 5 de maio de 1964, os jornais porto-alegrenses publicaram a tradicional mensagem de D. Vicente Scherer referente ao dia dos trabalhadores. Nesse texto, que ocupou quase a metade da página quatro do DN, é possível destacar diversos elementos acerca do modo como foi tratada a questão comunista depois de transcorridos pouco mais de trinta dias do golpe militar. O oportunismo dessa alocução merece ser ressaltado uma vez que o setor dos trabalhadores, juntamente com os estudantes eram, na visão de parte dos católicos, os que mais teriam sentido efeitos da infiltração comunista[19]. Diferentemente do modo como se referia ao dia do trabalhador nos anos anteriores, desta feita emitiu uma mensagem bastante otimista, a qual esteve diretamente relacionada com a destituição de João Goulart do governo:

> Justificam-se as melhores esperanças de que, sob o novo governo, instalado pela Revolução de 30 de março, neste rumo e dentro deste programa se desenvolverá a ação dos trabalhadores brasileiros para obter sua ascensão social e o legítimo bem estar. (SCHERER, 1964c, p. 13)

Para o prelado, os trabalhadores podiam e deveriam depositar plena confiança no governo "que assumiu, em hora gravíssima a direção dos destinos do país [...] a Revolução não é um passo atrás, mas uma caminhada para frente nas justas e legítimas conquistas dos trabalhadores" (SCHERER, 1964c, p. 13). O espaço estaria aberto para as reformas estruturais e transformações da situação dos trabalhadores com o afastamento da infiltração comunista no setor, que teria sido intensificada consideravelmente, segundo D. Vicente, até o período da destituição de Goulart, inclusive com a chancela das "ambições de líderes ou aventureiros", que se manifestavam mediante agitação promovida "sistematicamente em grande estilo" (SCHERER, 1964c, p. 13). É preciso destacar

19 Ver BETT, 2010

que a caracterização imposta descreve o comunismo e os comunistas como os grandes responsáveis pela situação conturbada que havia vivido o país. Deste modo, eram agentes que planejavam essa situação como forma de enfraquecer a ordem constitucional e, assim, alcançar o poder.

Outro aspecto característico desta alocução é a forma com que ressaltou a propaganda pró-governo militar, exatamente quando enalteceu a atuação das Forças Armadas por terem agido, segundo ele, na iminência do perigo: "principalmente pela enérgica e fulminante ação das Forças Armadas, na vigésima terceira hora, ficaram desbaratadas as hostes do comunismo". Para o arcebispo, o comunismo estava sendo "auxiliado e subvencionado criminosamente por autoridades e administradores desonestos", os quais se preparavam "para assaltar o poder pelo emprego da violência. Talvez menos de cem homens audazes e inescrupulosos, por pouco, não transformaram em república soviética e marxista uma nação de setenta milhões de habitantes" (SCHERER, 1964c, p. 13).

É possível visualizar que um dos aspectos que acabou não sofrendo significativas mudanças nas manifestações dos católicos no pós-golpe militar é o fato de diagnosticaram o perigo comunista diretamente relacionado com os problemas sociais e a pobreza. No trecho a seguir, D. Vicente reafirmou esta questão:

> [...] afastada a ameaça comunista imediata mais cresce a responsabilidade das autoridades, dos responsáveis pelo destino do país [...] de promover uma verdadeira e objetiva justiça social por meio das alterações estruturais universalmente reclamadas e aprovadas para o combate efetivo à miséria, à fome e ao subdesenvolvimento. (SCHERER, 1964c, p. 13)

Contudo, neste mesmo aspecto é possível perceber um pequeno, mas significativo, deslocamento no modo como a realidade estava sendo forjada pelo discurso dos católicos, que recaia na questão do golpe ter representado um imediato afastamento do perigo comunista. Diferentemente das manifestações que preconizavam melhoras de condições de vida para evitar a infiltração comunista, nesse momento, o problema não mais era da infiltração, pois, com a atuação dos militares o terreno estava pronto para todas as transformações necessárias. Era necessário preocupar-se o que fazer, a partir do golpe:

> Proprietários egoístas e insensíveis, insensatamente pensariam, talvez que supresso o perigo comunista, podem estar despreocupados e continuar tranqüilos no gozo de sua situação segura e confortável. Não! Coibida em boa hora, ação subversiva dos adeptos do comunismo que em tudo visam exclusivamente à implantação da ditadura marxista e a introdução do regime de opressão reinante nos países da cortina de ferro [...] se apresse a reestruturação econômica do país,

> assim que todos os homens honestos e trabalhadores tenham possibilidade de conseguir com seu esforço condições satisfatórias de vida [...] a revolução vitoriosa e a derrota das forças comunistas, exigem, portanto, de todos um exemplo mais decidido e perseverante, e talvez requeiram de muitos sacrifícios não pequenos, para que [...] todos os membros tenham acesso aos bens comuns da civilização. Sem justiça não haverá paz, ordem, democracia e liberdade. (SCHERER, 1964c, p. 13)

Na citação supracitada percebe-se que D. Vicente Scherer colocou em cima dos empregadores a responsabilidade de evitar a influência comunista nos empregados e, consequentemente, evitar aquilo que entendia serem motivos para o deflagrar da luta de classes. O receio era que, uma vez essas diferenças não fossem atenuadas, o comunismo pudesse se tornar uma solução para os problemas do setor. Essa questão também pode ser percebida na alocução do dia 19 de maio, oportunidade que mais uma vez fez referência ao setor trabalhista, especificamente sobre o abismo salarial existente entre os empregadores e empregados, demonstrando que isso, necessariamente, aumentava "a irritação dos assalariados e cresce o perigo do comunismo que passa a ser considerado como suprema esperança de eventual solução." Alertou aos "homens de empresa" que não poderiam recusar-se a "enveredar por caminhos novos, mediante a aplicação da doutrina social cristã", caso contrário deveriam aceitar a vitória "das fôrças espiadoras e liberticidas do comunismo" (SCHERER, 1964d, p. 04).

Intitulada "artífices do futuro", a alocução do dia 12 de maio dedicou a maior parte de seu texto a comentar sobre o dia do professor. Contudo, em meio a elogios aos mestres, também tratou sobre o Ministério da Educação, onde se desprendeu a sua visão desse setor e a forma como a equacionou com a representatividade do golpe. Essas foram as suas palavras, as quais caracterizam o golpe como momento de ruptura em relação a presença comunista no Ministério:

> Antes da revolução de abril findo, em vários e importantes departamentos desorganizados e desorientados mais se cuida da propagação da ideologia marxista e da promoção de agitações estudantis que do desenvolvimento do ensino em todos os seus graus. Pelo que tudo indica o atual govêrno percebe claramente que nenhum problema nacional excede em relevância a êste da educação integral. (SCHERER, 1964e, p. 04)

3 D. VICENTE SCHERER: DA "REVOLUÇÃO TRIUNFANTE" AO SILÊNCIO ANTICOMUNISTA

O arcebispo D. Vicente Scherer foi a principal voz do anticomunismo católico a se manifestar nos jornais porto-alegrenses no período foco da pesquisa (1961 a 1965). Entretanto, no período posterior ao golpe, notadamente

a partir de fins maio de 1964 é possível constatar uma significativa transformação na forma como divulgou a sua manifestação anticomunista. Para dar conta dos termos que se deram essas transformações, o presente tópico se ocupará em analisar, primeiramente, a polêmica envolvendo a instauração de um Inquérito Policial Militar (IPM) na Ação Católica de Porto Alegre, da qual D. Vicente presidia, para, posteriormente, verificar, em cada uma de suas alocuções publicadas a partir de maio de 1964, como o perigo comunista passou a ser tratado ou, até mesmo, sequer mencionado nos seus textos.

Entre dezembro de 1964 e janeiro de 1965 a repercussão em torno de um IPM, instaurado para investigar setores do catolicismo gaúcho (apostolado dos leigos) e as suas possíveis ligações com sujeitos comunistas, ou até mesmo possíveis influências de católicos marxistas, provocou diversos pronunciamentos do Arcebispo. Suscitou, inclusive, a publicação de uma carta endereçada ao Tenente Coronel do Exército Ruy C. Gonçalves, responsável pelo referido IPM. Nessa carta (publicada nos jornais de Porto Alegre), D. Vicente enumerou cinco tópicos pelos quais deu conta de emitir respostas bastante pontuais sobre as acusações de seus discípulos[20].

As suas respostas, de maneira geral, ao mesmo tempo em que fizeram uma defesa em relação aos membros pertencentes à arquidiocese de sua jurisdição, no que tange a possíveis relacionamentos com membros da Ação Popular (adiante AP)[21], também explanaram toda a contrariedade do prelado em relação à referida organização. O governo militar havia dado início à caça aos comunistas investigando aqueles lugares onde possivelmente estariam os focos de "subversão". Os setores leigos do catolicismo (principalmente a Juventude Universitária Católica - JUC) foram vistos como um foco em potencial. Foi exatamente contra esta ação dos militares que o Arcebispo se manifestou.

No primeiro tópico, D. Vicente se preocupou em deixar registrado o fato de não haver responsabilidade da Igreja Católica na criação da AP, como também não competia julgar sua aprovação ou condenação, uma vez que a AP, para o Arcebispo, era uma organização política e não cabia à Igreja a intromissão nos assuntos desta ordem:

20 Na bibliografia e nas fontes consultadas não se tem notícias sobre o resultado desse IPM. Em que pese a importância desse aspecto, considera-se que, para os objetivos propostos no presente artigo, o resultado teria um alcance secundário, tendo em vista que o exame analítico recairá não propriamente no Inquérito em si, mas na sua repercussão na imprensa de Porto Alegre, notadamente as expressões do Arcebispo D. Vicente Scherer difundidas em torno do episódio.

21 Sobre a trajetória da Ação Popular no catolicismo brasileiro, ver em DIAS (2008).

> Não poderia caber à autoridade eclesiástica aprovar ou censurar a criação da Ação Popular, movimento político de estudantes, como não poderia caber-lhe aprovar ou censurar a criação de quaisquer outros grupos ou partidos políticos, de cujo grêmio participassem elementos do laicato católico e, até mesmos sacerdotes [...].(SCHERER, 1965, p.13)

Citando as suas alocuções como exemplo de sua atuação e vigilância, no segundo tópico declarou que nunca havia permitido, em sua arquidiocese, que "se confundissem e identificassem os rumos ideológicos e políticos da Ação Popular com as diretivas da doutrina social da igreja" (SCHERER, 1965, p.13). Neste sentido, no terceiro tópico explicou que sempre esteve atento "até mesmo a meros desvios" da doutrina social, quando estes foram imputados a sacerdotes do clero arquidiocesano, não deixando, inclusive de apurar a sua procedência.

No quarto tópico negou que a AP tivesse tido qualquer ligação "direta ou indireta, aparente ou oculta" com as organizações do apostolado dos leigos da arquidiocese, notadamente aquelas organizações que compunham a Ação Católica, especialmente a JUC e a JEC: "membros da JEC e da JUC poderão ter-se filiado à Ação Popular; serão casos isolados e inexpressivos". Declarou ainda que "nenhum dos jovens, entretanto, cujos nomes são referidos no relatório final do inquérito policial-militar pertence à Ação Católica da arquidiocese, como nenhum dos sacerdotes, a que se faz alusão no mesmo documento" (SCHERER, 1965, p.13).

O quinto tópico de sua declaração também foi dedicado a externar a sua condenação contra qualquer união ou colaboração entre católicos e comunistas. Declarou que tal postura (condenação) era incessantemente repetida por "dezoito anos de episcopado, em pronunciamentos públicos, com ampla divulgação pela radiodifusão e pela imprensa". "Se a referida união aconteceu", argumentou D. Vicente, "os que dela participaram não se conduziram como católicos". Os católicos da sua arquidiocese, desde os membros da Ação Católica, os professores e os sacerdotes do clero secular, como ele mesmo declarou, tinham a segurança do seu "fraternal afeto" e a certeza de que os reputava "isentos de culpa" (SCHERER, 1965, p.13).

Após a apresentação dos cinco tópicos da alocução de D. Vicente é necessário colocar algumas indagações: Como explicar a sua denúncia, publicada no jornal Correio do Povo, em janeiro de 1964, sobre o problema da infiltração comunista nos setores do catolicismo, na qual afirmou: "As preocupações dos bispos relativamente à Ação Popular provém ainda de sua onimodia colaboração com os promotores do comunismo e de outros

movimentos de agitação esquerdista" (SCHERER, 1964i, p. 12)? Será que o calor do momento (agitações do período pré-golpe) fez com que o Arcebispo emitisse denúncias das quais apenas suspeitava? Como entender esse corporativismo na defesa exercida para com os membros do apostolado leigo pertencente à sua arquidiocese? Teriam os IPMs, na "caça aos comunistas", ao investigar membros do catolicismo provocado certo desconforto no Arcebispo?

Diante dessas indagações aqui é preciso registrar um deslocamento da forma como o "perigo comunista", constantemente apresentado por D. Vicente Scherer, foi, aos poucos e em função de novos acontecimentos, se redimensionando após o 31 de março. Se antes do golpe as organizações do apostolado dos leigos receberam todas as advertências em relação à infiltração comunista, como se pode ver, principalmente, no exemplo separado do mês de janeiro de 1964, que tratou da polêmica envolvendo os membros da AP e da JUC, passados quase um ano do golpe, "percebeu-se" que aqueles que aderiram à AP eram somente "casos isolados e inexpressivos". Deslocamento sutil, mas que se torna um termômetro que pode indicar o peso com que o contexto político do pós-golpe incidiu nas publicações da luta anticomunista católica.

O tema da aproximação entre católicos e comunistas voltou a ser assunto na alocução do dia 19 janeiro de 1965. Mais uma vez, como já havia manifestado outrora, deixou bem claro que a referida aproximação era de interesse exclusivamente dos comunistas, os quais, "procuram atrair as simpatias e a colaboração dos católicos para suas campanhas e iniciativas" (SCHERER, 1965b, p.10). D. Vicente afirmou que esta nova linguagem dos comunistas em cooptar católicos para o seu lado, coincidia com as esperanças de políticos e estudantes que "antes da revolução de março, interpretando erroneamente palavras de João XXIII, advogavam a colaboração com os comunistas [...]"(SCHERER, 1965b, p.10).

Outra passagem que merece destaque é a parte em que diferenciou o comunismo de outras ideologias, consideradas passíveis de serem aceitas as contribuições dos católicos. Para D. Vicente, os comunistas preconizavam a substituição total das estruturas sociais e políticas pelos "esquemas do totalitarismo marxista", ao contrário dos socialistas, dos liberais e dos radicais que "aceitam uma organização da sociedade que promova ou realize ao menos parcialmente os seus postulados pragmáticos". Citando a Encíclica de João XXIII, *Mater et Magistra*, afirmou: "com essas ideologias os católicos podem colaborar para a consecução de objetivos imediatos 'bons por natureza ou que podem tornar-se bons'" (SCHERER, 1965b, p.10).

Já no caso dos comunistas, quando buscam a colaboração de outras "correntes", na forma como entendia D. Vicente, assim faziam como meio e instrumento para o "triunfo da causa marxista". Daí defendeu a atitude de "nunca [...] agarrar a mão estendida deles para uma colaboração em favor de objetivos sociais em si justos e irrecusáveis". Essa atitude em relação ao comunismo proporcionou que a forma como entendia a força do comunismo, naquele contexto, fosse descrita: "mas o consideramos – marxismo – uma ameaça perigosa aos valores meramente temporais e uma das piores alienações do homem que a história registra" (SCHERER, 1965b, p.10).

Em outra oportunidade, o Arcebispo comentou sobre o papel determinado a ser desempenhado pelos leigos através do Concílio Vaticano II. Entre outras abordagens, citou passagens dos documentos conciliares (*de ecclesia*) que balizavam essa nova postura da hierarquia, aos quadros da Ação Católica, especificamente. Depois de embasar o atual pensamento do catolicismo para com os leigos, D. Vicente comentou sobre a atuação do setor no contexto do golpe militar:

> É fato notório que, no período de agitação demagógica, que precedeu a revolução de março, alguns jovens, totalmente avessos à doutrina marxista, levados certamente por um nobre sentimento de inconformidade com clamorosas injustiças sócias existentes, substituíram a suprema e autêntica finalidade do apostolado em geral e da Ação Católica pelo interesse em prol de reformas sociais de determinado tipo. (SCHERER, 1965c, p.08)[22]

Um dos aspectos que fica bastante explícito na passagem supracitada, como já havia feito em outras oportunidades, é a forma como D. Vicente defende a atuação do apostolado dos leigos, justificando, de certo modo, a sua guinada social e o suposto indício da presença marxista neste processo. E que diverge completamente das alocuções em que condenava toda e qualquer aproximação dos católicos com os marxistas "mesmo com as melhores das intenções", conforme havia declarado em outra alocução. O próprio Arcebispo admite isso: "Em diversos pronunciamentos alertei contra tão perniciosa confusão de metas, objetivos e caminhos do apostolado católico" (SCHERER, 1965c, p.08). Na concepção do religioso havia a necessidade de se alertar contra o perigo de que estes confundissem "a missão apostólica do cristão com a luta a serviço do mundo para a transformação das estruturas temporais da sociedade humana". Em outras palavras, o perigo era de que a missão religiosa, sob

22 Sobre o processo de construção anticomunista com base nas querelas internas da Igreja Católica no contexto das renovações pastorais e doutrinárias a partir do Concílio Vaticano II ver BETT, 2011b.

inspiração marxista, desvirtuasse os membros do apostolado e, desta forma, contribuísse para a infiltração marxista no setor.

Por isso que, também nessa alocução, manifestou a sua preocupação em explicar o "verdadeiro" significado da nova postura dos leigos debatida e outorgada no Concílio. Ou seja, as novas ideias aconselhavam o engajamento na luta pela promoção do bem-estar social, contanto que houvessem "soluções possíveis dentro da coerência com os princípios da fé", e que esta opção não poderia estar sujeita a nenhuma organização do apostolado que impusesse, aos seus membros, "uma determinada linha e nem sequer dar-lhes uma formação tendenciosa e unilateral que os leve a certa e única forma de participação no esforço pelo desenvolvimento do país e pela superação das injustiças sociais" (SCHERER, 1965c, p.08).

Entretanto, também ficou notória a forma como tentou retirar da responsabilidade da Igreja a postura adotada por membros da Ação Católica no processo do golpe de 1964, supondo, com esse movimento, construir a imagem que esses, pelas suas atitudes, não seriam autênticos católicos:

> As diversas opções que os militantes fizeram, dentro da ortodoxia católica, como também no campo declaradamente político, ocorreram por sua exclusiva responsabilidade pessoal, como acontece em todos os setores da atividade social e política dos cidadãos. (SCHERER, 1965c, p.08)

Se o episódio do IPM proporcionou ao prelado uma significativa transformação na forma com que buscou representar o perigo comunista, sua influência e infiltração no seio dos católicos, de outra parte, passando em revista nas alocuções publicadas a partir de maio de 1964 é possível constatar que a forma de encarar o problema comunista também passou a sofrer algumas transformações, entre elas o fato de que a ameaça comunista passou a ser tratada como um problema de outros lugares, não mais um problema local.

Na alocução semanal dia 16 de junho de 1964, D. Vicente Scherer escreveu um longo texto que pretendeu homenagear o 18º aniversário da morte de D. João Becker, seu antecessor no arcebispado de Porto Alegre. Dentre os vários elogios a D. João Becker, destacou, inclusive, focalizando em separado com o subtítulo – "sobre o comunismo" – a preferência pela forma como o prelado falecido fizera oposição ao comunismo: "julgo que de tôdas as 35 cartas pastorais alcançou maior repercussão e melhor respondeu às exigências da hora a décima nona, publicada em 13 de setembro de 1930 o 'comunismo russo e a civilização cristã'". D. Vicente considerou a referida carta pastoral como o

primeiro e mais minucioso trabalho, publicado no Brasil, sobre as questões comunistas: "a sua doutrina, sua sorrateira infiltração, seu espírito expansionista e suas ameaças" (SCHERER, 1964f, p.06).

Intitulada "Marxismo e Religião", a alocução do dia 21 de julho de 1964 tratou sobre a Tchecoslováquia. O objetivo do Arcebispo foi demonstrar, aos seus ouvintes e leitores, a realidade do país comunista e o tratamento que estaria sendo dado aos religiosos que lá habitavam. No texto, afirmou que a situação do primado da Tchecoslováquia ter melhorado, fato que considerava não passar de uma falácia utilizada pela propaganda oficial de ocasião "para negar a existência de embaraços à ação das Igrejas". Para comprovar sua argumentação fez diversos apontamentos para demonstrar a verdadeira realidade da Igreja naquele país mencionando, inicialmente, sobre a situação de grande parte dos católicos que foram afastados das atividades religiosas para trabalharem, obrigatoriamente, em fábricas, fazendo com que outros sacerdotes "dada a falta assim provocada do clero, atendem a cinco ou seis paróquias". Outro aspecto que ressaltou foi de não existir mais imprensa católica livre. Além do número reduzido de publicações, apontou o fato das poucas que existiam, quase todas "passam por rigorosa censura de modo que pouco se diferenciam dos jornais do partido comunista" (SCHERER, 1964g, p. 18). E, por fim, falou sobre as "interferências oficiais" do governo tcheco na organização do catolicismo. Neste sentido, destacou o controle exercido no "número de candidatos que desejam entrar no seminário, funcionários civis que controlam a correspondência dos bispos, fiscalizam sua atividade e vigiam seus passos". Ainda neste mesmo sentido, afirmou ainda que os bispos não poderiam transferir um padre de uma paróquia a outra "sem prévia licença do govêrno" (SCHERER, 1964g, p. 18).

A alocução semanal do dia 19 de setembro de 1964 tratou sobre uma das temáticas que estavam sendo debatidas por ocasião do Concílio Ecumênico, qual seja, a questão da liberdade religiosa. Nessa oportunidade, é possível destacar mais um apontamento anticomunista do arcebispo. Trata-se de uma pequena frase em meio à sua declaração na qual se referiu sobre a liberdade religiosa e os governos marxistas: "o direito à liberdade religiosa é frontal e violentamente desrespeitado pelos govêrnos marxistas que ou impedem de todo quaisquer expressões da vida religiosa ou as restringem arbitrariamente" (SCHERER, 1964h, p. 29).

Na alocução do dia 23 de março de 1965, comentou sobre a fuga de religiosos do Congo-Belga, país em que os "rebeldes alucinados [...] instigados pelos agentes do comunismo internacional em 1964, trucidaram ao todo 53 sacerdotes, 2 irmãos e 21 irmãs indefesas". Também mencionou sobre a ajuda fornecida pelos Estados Unidos e pelo Brasil em salvar os missionários e religiosos da "fúria sanguinolenta", fato que teria causado "protestos na imprensa comunista", condenando a interferência "indébita e ofensiva à soberania do país". Ou seja, além de demonstrar a realidade que se passava num país influenciado pelo comunismo, também dava a ler as atitudes dos comunistas, mostrando estes como sanguinários e benevolentes com as situações extremas. Ao comentar sobre a morte de uma religiosa "da mesma raça dos rebeldes" deixou perpassar este aspecto: "a esta concederam o privilégio de matá-la com armas indígenas, a pancadas e por ferimentos de lança" (SCHERER, 1965d, p. 04)

O título da alocução do Arcebispo do dia 24 de agosto de 1965 foi "Educação do excepcional e notas de viagens". Na parte que informou sobre suas notas de viagens, especialmente sobre a sua passagem pela Alemanha, apenas um parágrafo se destinou a manifestar o seu pensamento anticomunista. Escrevendo sobre as suas impressões dos trabalhadores naquele país, o Arcebispo foi enfático: "a influência do comunismo na vida sindical, segundo me informaram, em toda a vasta região, a maior concentração operária do país, se considera praticamente nula". Para D. Vicente, o motivo desta condição se dava pelo

> [...] conhecimento direto que centenas de milhares de operários tiveram do comunismo como prisioneiros de guerra [...], os maus tratos então ali recebidos nos setores de trabalho forçado, os imunizaram contra o contágio vermelho, aliás em oposição frontal às previsões do fundador, Karl Marx. (SCHERER, 1965e, p. 17).

As cinco alocuções acima referidas se configuram nas únicas em que D. Vicente Scherer, a partir do dia 19 de maio de 1964 até dezembro de 1965, promoveu referências às questões comunistas. É preciso chamar atenção para os intervalos de tempo compreendidos entre elas, como, também, o fato de que, parte destes textos, como se pode visualizar, trataram da luta anticomunista como um objeto a mais em seus textos, passando ao largo da centralidade que corriqueiramente caracterizava as suas alocuções. Além disso é possível constatar que em nenhuma das alocuções acima referidas o problema comunista esteve vinculado sequer de forma indireta com a realidade brasileira.

De outra parte, também é possível constatar certo "silêncio" do Arcebispo, mas, de certo modo, de todos os católicos pertencentes aos quadros hierárquicos da Igreja Católica, em relação às manifestações anticomunistas na imprensa de Porto Alegre[23]. No período compreendido entre 19 de maio de 1964, data da última alocução com a temática anticomunista relacionada com a realidade brasileira, até a alocução datada do dia 21 de julho (sobre a Tchecoslováquia) do mesmo ano, D. Vicente Scherer emitiu um total de sete alocuções, sendo que, somente a que homenageou D. Becker trouxe considerações anticomunistas, contudo, sem fazer menção às questões políticas que envolviam o Brasil[24].

Analisando cada uma dessas alocuções, foi possível constatar que o período foi marcado pelo silêncio do arcebispo para as questões anticomunistas, como também silêncio para o problema comunista no Brasil. Provavelmente, essa postura diz respeito ao significado do golpe militar para alguns setores do catolicismo, ou seja, acreditaram que a "revolução" havia afastado o perigo comunista do cenário político e social do Brasil. É possível considerar essa postura de, ao menos, duas maneiras. Uma primeira incide diretamente na representatividade do golpe em relação ao afastamento do perigo comunista, quer dizer, como não enxergava mais a iminência do perigo, não se tinha porque escrever sobre ele. Por outro lado, essa postura também pode ser entendida enquanto uma das formas de apoiar e dar condições de governabilidade ao regime militar. Ou seja, não falando sobre o problema, ele passa a deixar de existir. Por mais que o comunismo e os comunistas continuassem atuantes, não mencionar sobre eles nos discursos pode se configurar numa das maneiras de não dar visibilidade e, assim, indiretamente, construir a imagem de seu total afastamento pelos militares.

Por fim, uma alocução do período é paradigmática para perceber, definitivamente, o silêncio do Arcebispo em relação ao combate ao comunismo no Brasil. Trata-se da alocução destinada ao dia do trabalhador do ano de 1965. D. Vicente Scherer, da mesma forma que havia se manifestado em maio de

23 Sobre o conjunto de manifestações de católicos na imprensa de Porto Alegre desse período ver em BETT, 2010.

24 As outras alocuções deste período foram as seguintes: dia 3 de junho: "Filmes de valor" (versou sobre questões do cinema nacional); 9 de junho: "Crueldades na bíblia" (onde escreveu sobre o conflito entre o povo de Israel e os árabes, citando passagens bíblicas); 16 de junho: alocução sobre D. João Becker; 23 de junho: "Clima de compreensão" (sobre as atividades conciliares); 1º de julho: "A autoridade do Papa" (oportunidade que comentou sobre o primeiro ano de pontificado de D. Paulo VI); 7 de julho: "Professores latino-americanos em congresso" (comentou sobre os propósitos da reunião de diversos especialistas em teologia, no seminário de Viamão); 14 de julho: "Aos direitos do homem" (falou sobre o papel da religião na declaração dos direitos humanos); 28 julho: "Pela segurança nas ruas e nas estradas" (o título resume a temática).

1964, emitiu, ao seu leitor, uma visão bastante positiva da realidade econômica e política do Brasil, as quais, a seu ver, repercutiriam na considerável melhora das condições dos trabalhadores. A visão positiva de D. Vicente pode ser demonstrada conforme atesta a passagem a seguir:

> A difusão do ensino, a reorganização da propriedade imóvel e outras mais importantes iniciativas mais, em execução ou projetadas, aproveitarão em primeiro lutar aos agricultores e operários industriais. Julgo, por isso, que o operariado [...] pode e deve confiar nas medidas que o govêrno vai adotando em prol do bem-estar e dos interêsses da coletividade. (SCHERER, 1965f, p. 15)

Portanto, completamente diferentemente da alocução de maio de 1964, em que o perigo comunista foi tratado com um problema resolvido ou um problema do passado, a alocução de 1965 sequer mencionou qualquer tipo de argumentação que envolvesse a temática comunista em relação aos trabalhadores. Um deslocamento discursivo nem tão sutil assim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O golpe de 31 de março de 1964 se deu com um amplo apoio dos setores considerados conservadores, especialmente parte das elites militares, financeiras, políticas e eclesiásticas. Logo após a derrubada de Jango, como se pode visualizar no transcurso analítico do trabalho, a imprensa de Porto Alegre privilegiou a divulgação das manifestações daqueles que foram os vencedores do processo, as quais buscavam, constantemente, promover uma imagem positiva do cenário político que se implantou no país. E, um dos artifícios utilizados nesta questão foi construir a imagem de que os militares, ao destituírem João Goulart, fizeram aquilo que a maioria da população tanto aclamava.

O artigo apontou que, nos primeiros momentos após o golpe de 1964, D. Vicente Scherer não só comemorou a destituição de Goulart, reforçando a ideia de que o perigo comunista se dava diretamente com a sua presença no governo, como encarou o movimento militar enquanto resultado de anseios democráticos, inspirados em concepções ocidentais e cristãs, representando o processo como um divisor de águas no que diz respeito àquele momento histórico do país. De um passado incerto e "contaminado" pelos comunistas, imediatamente após o golpe, pouco a pouco, o conjunto de representações foram construindo a imagem de um presente legítimo e que o país estava no caminho do verdadeiro desenvolvimento, enfim, a nação estava a salvo do comunismo.

Por mais que o comunismo, nos primeiros momentos pós-golpe, continuasse a atuar no Brasil, não trazer esta realidade aos discursos pode ter sido um meio acionado para não dar visibilidade a qualquer ordem de problemas e, desta forma, apoiar, legitimar e proporcionar as melhores condições de governabilidade aos militares. Essas considerações puderam ser percebidas especialmente a partir do "silêncio" em relação às manifestações anticomunistas, mas, também, no deslocamento da forma com que o perigo comunista passou a ser difundido pelo prelado, ou seja, uma ameaça que não dizia respeito à realidade nacional, mas, sim, de outros lugares.

Por outro lado, o artigo também constatou que a tentativa de construir um cenário "legítimo" e "necessário" pelos católicos, não passou imune aos conflitos e debates acerca do novo momento político do país. À medida que os militares intensificaram o processo de repressão aos possíveis subversivos, em muitos casos, localizados em setores do próprio catolicismo, o processo de construção do anticomunismo e de denúncias acerca da infiltração comunista também sofreu um sensível deslocamento, especialmente quando comparados com o que, até então, se havia difundido nesse aspecto. De uma "grande" ameaça de infiltração marxista nos setores internos do catolicismo, imagem amplamente difundida antes do golpe, quando do início dos primeiros movimentos de endurecimento do regime essas ameaças se tornaram "pontuais" ou apenas "casos isolados", demonstrando, claramente, o desconforto dos católicos ao perceberem que a própria instituição passou a ser vista como um potencial local de subversão.

REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. v. 5. Lisboa:Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985. v. 5

BETT, Ianko. **A (re)invenção do comunismo:** discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos golpes militares de 1964 e 1966. Dissertação (Mestrado em História), Unisinos. 2010.

_____. Facetas do anticomunismo católico na grande imprensa de porto alegre: D. Vicente Scherer e a infiltração comunista no governo do RS (1961). In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais...** São Paulo, 2011.

_____.Concílio Vaticano II e o anticomunismo católico no Brasil e na Argentina. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 1169-1196, dez. 2011b.

BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. In: **Dicionário de política.** 5. ed. v. I. Brasília: UnB, 2000.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de Representações Coletivas segundo Roger Chartier**. Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. **A história cultural entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1998**.**

_____**. O mundo como representação.** Estudos Avançados 11 (5), 1991.
DE LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

DIAS, Reginaldo Benedito. Da esquerda católica à esquerda revolucionária: a ação popular na história do catolicismo. In: **Revista Brasileira de História das Religiões** – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Paris: Éditions Gallimard, 1971.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, Lisboa. 1972.

KASPER, Rafael. Movendo as peças do tabuleiro: a atuação de Dom Vicente Scherer à frente da Arquidiocese de Porto Alegre (1961-1981). Dissertação (Mestrado em História), Unisinos. 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho"**: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho**: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1945-1964. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2003.

FONTES DE PESQUISA

CÂMARA, Jaime de Barros. D. Jaime prega punição com justiça para a preservação da coletividade. **Diário de Notícias**, 19 abr. 1964, p. 13.

CORÇÃO, Gustavo. A semana. **Correio do Povo**, 1º jul 1965, p. 04.

SCHERER, Vicente. A Igreja será a primeira a pregar o congraçamento. **Diário de Notícias,** Porto Alegre, 5 set. 1961, p. 03.

_____. Declara Dom Vicente Scherer: plano de ação nitidamente comunista perdura depois de superada a crise. **Diário de Notícias,** Porto Alegre, 7 out. 1961, p. 02.

_____. Devem ser chamados à responsabilidade os conspiradores contra o interesse da nação. **Diário de Notícias,** Porto Alegre, 7 abr. 1964, p. 03.

_____. Uma palavra a vencedores e a vencidos. **Diário de Notícias,** Porto Alegre, 14 abr 1964b, p. 04.

_____. Responsabilidade maior. **Diário de Notícias,** Porto Alegre, 5 maio 1964c, p. 04.

_____. Novas mentalidades de chefes de empresas. **Diário de Notícias**, Porto Alegre,19 maio 1964d, p. 04.

_____. Artífices do futuro. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 12 maio 1964e, p. 04.

_____. 18º aniversário da morte de D. João Becker. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 16 jun. 1964f, p. 06.

_____. Marxismo e Religião. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 21 jul. 1964g, p. 18.

_____. Liberdade de Consciência. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 19 set. 1964h, p. 29.

_____. Aonde querem nos levar. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 12 jan. 1964i, p. 12.

_____. Arcebispo diz que os indiciados no IPM da Ação Popular desfrutam de seu afeto. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 12 jan. 1965, p. 13.

_____. Impossível a aliança entre católicos e comunistas em qualquer campanha. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 19 jan. 1965b, p. 10.

_____. A colaboração entre os fiéis e pastores da Igreja. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 23 fev. 1965c, p. 08.

_____. Vítimas Gloriosas. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 23 mar. 1965d, p. 04.

_____. Educação do excepcional e notas de viagens. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 24 ago. 1965e, p. 17.

_____. Igreja não esconde sua predileção pelos que necessitam de justiça. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 27 abr. 1965f, p. 15.

Recebido em 01/05/2014
Aprovado em 30/05/2014